



O 25 de Abril depôs uma ditadura e criou as condições para que Portugal tivesse um regime democrático assente nos princípios das liberdades cívicas, políticas e económicas. É, por isso, uma data fundamental. Porém, a importância dos factos e a necessidade da sua celebração não nos devem prender ao passado. O espírito de Abril exige uma evocação actualizadora e dinâmica, que incentive a reflexão sobre o estado presente dos princípios da democracia e da liberdade. Como disse Winston Churchill – o mais eloquente e lapidar defensor da ordem democrática e liberal (ele que soube como poucos o que é uma civilização estar à beira do abismo, olhos nos olhos com as ditaduras mais bárbaras e destrutivas) –, «*o preço da Liberdade é a eterna vigilância*». É para essa vigilância constante que somos todos convocados, todos os dias.

O 25 de Abril aconteceu quando o mundo assistia à grande onda de crescimento da ordem liberal do pós-II Guerra. Foi neste contexto ideológico que o Ocidente viveu um período de paz e prosperidade inéditas, possibilitadas por Estados democráticos de bem-estar social, respeitadores das liberdades e financiados pelos frutos económicos dessas liberdades. Infelizmente, os últimos anos mostram que a Liberdade, enquanto valor central das nossas ordens políticas, está sob ataque. Há quem nos queira convencer de que a ordem liberal, com o seu optimismo civilizacional, com a globalização, com as instituições e os processos democráticos, está esgotada. Que um dia a Liberdade e a democracia foram causas de progresso mas que hoje são fonte de insegurança, de miséria e conflitos, de disrupção social e desesperança. Que os sentimentos nobres têm limites e que é preciso reaprender o valor da existência de fronteiras, de um Estado proteccionista, patrão e patriarca, e de comunidades homogéneas – comunidades social, cultural e racialmente homogéneas.

É compreensível que as pessoas votem em quem lhes fala da fraqueza do dito “sistema”, da corrupção das ditas “elites”, e lhes promete o retorno à simplicidade de um mundo perdido. Mas é urgente articular um discurso de resposta a essas falsas promessas dos novos populistas, de esquerda e de direita. Se acreditarmos – como eu acredito – que, com todos os erros e insuficiências, é da nossa ordem liberal e democrática que depende o bem-estar colectivo do futuro, temos de falar com clareza em sua defesa. O tempo não está para meias-palavras, nem para argumentações desculpantes, que circum-navegam as evidências. À direita ou à esquerda, um inimigo da Liberdade é um inimigo da Liberdade.

*Francisco Mendes da Silva*

*CDS-Partido Popular*

